



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Faculdade de Direito

Luiz Felipe Teves de Paiva Sousa

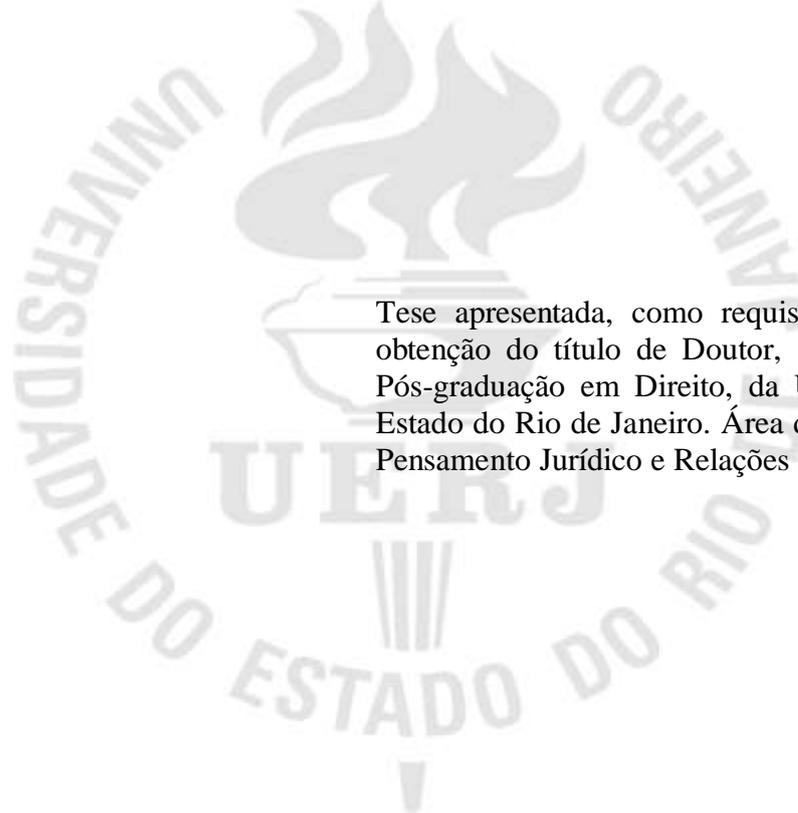
**A constituição do sensível: necrose e criação em Michel Foucault,
Gilles Deleuze e Félix Guattari**

Rio de Janeiro

2022

Luiz Felipe Teves de Paiva Sousa

**A constituição do sensível: necrose e criação em Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix
Guattari**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Direito, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pensamento Jurídico e Relações Sociais

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Fabiano Mendes

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CCS/C

S725 Sousa, Luiz Felipe Teves de Paiva.

A Constituição do sensível: necrose e criação em Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari / Luiz Felipe Teves de Paiva Sousa. - 2022.
270 f.

Orientadora: Prof. Dr. Alexandre Fabiano Mendes.
Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Direito.

1.Filosofia política - Teses. 2.Guerra –Teses. 3.Pensadores – Teses. I. Mendes, Alexandre Fabiano . II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Direito. III. Título.

CDU 37:01

Bibliotecária: Marcela Rodrigues de Souza CRB7/5906

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luiz Felipe Teves de Paiva Sousa

A constituição do sensível: necrose e criação em Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Direito, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pensamento Jurídico e Relações Sociais.

Aprovada em 29 de março de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Fabiano Mendes (Orientador)

Faculdade de Direito – UERJ

Prof.^a Dra. Bethânia de Albuquerque Assy

Faculdade de Direito – UERJ

Prof. Dr. José Ricardo Ferreira Cunha

Faculdade de Direito – UERJ

Prof. Dr. Murilo Duarte Costa Corrêa

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof. Dr. Giuseppe Mario Cocco

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Mas, o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Senão consiste em tentar saber de que maneira e até onde é possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe?

Michel Foucault

RESUMO

TEVES, Luiz. *A constituição do sensível: necrose e criação em Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari*. 2022. 270f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A presente tese persegue uma inquietação quanto a uma paisagem política. Nas últimas décadas, entende-se que se instaurou uma oscilação entre uma palavra profética e eufórica e uma apocalíptica e catastrófica. Atualmente, reconhece-se que se vive o momento da segunda palavra. No qual tudo parece ter se fechado e os marcadores políticos, bem como as teorias que davam a ver as mobilizações, não mais funcionam. A proposta da tese será a de entender essa oposição, sua condição e seus impasses, através de um plano. Um plano que será construído através de três autores e organizado a partir de um conceito que os atravessará: a constituição do sensível. Os autores mobilizados serão Félix Guattari, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Nos proporemos a entender como a constituição do sentido se organizou em cada um deles. O primeiro capítulo buscará entender como Foucault organizou essa constituição a partir do bípode formal enunciados e visibilidades e depois o levou ao informal das relações de poder. O segundo capítulo será dedicado à constituição de Deleuze e Guattari, a partir da noção de agenciamento e o peculiar regime do informal que lhe é associado, o plano de consistência. Depois, no terceiro e último capítulo, proporemos: compreender a maneira pela qual essa constituição do sensível foi tensionada a partir do fechamento das brechas de Maio de 1968; entendermos que a constituição do sensível exposta através dos três fazia completa referência a esse acontecimento; e tentaremos compreender como cada um deles precisou retrabalhar sobre ela a partir da crise. Levaremos, assim, os conceitos ao campo dos problemas da época. Veremos como Guattari percorreu seus anos de inverno através do diagnóstico das necroses/miasmas. Com Foucault, acompanharemos a passagem da analítica das relações de poder do modelo bélico ao de governo. E com Deleuze acompanharemos a sua ida à pintura e ao cinema, no seu deslocamento com relação aos campos de trabalho anteriores. Diante do percurso proposto, a tese tentará extrair paralelos qualitativos sobre o tempo presente com relação àquele período de fechamento dos autores. Espera-se que, através da persistência do plano da constituição do sensível, possa-se extrair um novo olhar sobre a atualidade através dessa interferência entre tempos, principalmente quanto à oscilação entre as duas palavras profética e apocalíptica.

Palavras-chave: Filosofia política. Constituição do sensível. Acontecimento. Necrose. Guerra.

ABSTRACT

TEVES, Luiz. *The constitution of the sensible: necrosis and creation in Michel Foucault, Gilles Deleuze and Félix Guattari*. 2022. 270f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This doctoral dissertation pursues a concern about a political landscape. In recent decades, it is understood that there has been an oscillation between a prophetic and euphoric word and an apocalyptic and catastrophic one. Currently, it is recognized that the moment of the second word is being lived. In which everything seems to have closed and the political markers, as well as the theories that showed the mobilizations, no longer work. The proposal of the thesis will be to understand this opposition, its condition and its impasses, through a plan. A plan that will be built through three authors and organized from a concept that will cross them: the constitution of the sensible. The authors mobilized will be Félix Guattari, Michel Foucault and Gilles Deleuze. We will propose to understand how the constitution of meaning was organized in each of them. The first chapter will seek to understand how Foucault organized this constitution from the formal bipedal utterances and visibilities and then took it to the informal of power relations. The second chapter will be dedicated to the constitution of Deleuze and Guattari, based on the notion of agency and the peculiar regime of the informal associated with it, the plane of consistency. Then, in the third and final chapter, we will propose: to understand the way in which this constitution of the sensible was tensioned from the closing of the breaches of May 1968; to understand that the constitution of the sensible exposed through the three made complete reference to this event; and we will try to understand how each of them had to rework on it after the crisis. We will thus take the concepts to the field of problems of the time. We will see how Guattari went through his winter years through the diagnosis of necrosis/miasmas. With Foucault, we will follow the passage of the analysis of power relations from the model of war to that of government. And with Deleuze we will follow his journey to painting and cinema, in his displacement in relation to previous fields of work. In view of the proposed path, the thesis will try to extract qualitative parallels about the present time in relation to that period of closure of the authors. It is hoped that, through the persistence of the plane of the constitution of the sensible, a new landscape of the present can be extracted through this interference between times, especially regarding the oscillation between the two prophetic and apocalyptic words.

Keywords: Political philosophy. Constitution of the sensitive. Event. Necrosis. War.

RÉSUMÉ

TEVES, Luiz. *La constitution du sensible: nécrose et création chez Michel Foucault, Gilles Deleuze et Félix Guattari*. 2022. 270f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Cette thèse poursuit un souci de paysage politique. Au cours des dernières décennies, on comprend qu'il y a eu une oscillation entre une parole prophétique et euphorique et une parole apocalyptique et catastrophique. Actuellement, il est reconnu que le moment du deuxième mot est vécu. Où tout semble s'être refermé et où les repères politiques, ainsi que les théories qui montraient les mobilisations, ne fonctionnent plus. La proposition de la thèse sera de comprendre cette opposition, sa condition et ses impasses, à travers un schéma. Un projet qui sera construit à travers trois auteurs et organisé à partir d'un concept qui les traversera : la constitution du sensible. Les auteurs mobilisés seront Félix Guattari, Michel Foucault et Gilles Deleuze. Nous proposerons de comprendre comment la constitution du sens s'est organisée en chacun d'eux. Le premier chapitre cherchera à comprendre comment Foucault a organisé cette constitution à partir du formel des énoncés et des visibilité bipèdes pour ensuite l'amener à l'informel des relations de pouvoir. Le deuxième chapitre sera consacré à la constitution de Deleuze et Guattari, fondée sur la notion d'agence et le régime particulier de l'informel qui lui est associé, le plan de consistance. Puis, dans le troisième et dernier chapitre, nous proposerons : de comprendre la manière dont cette constitution du sensible s'est tendue dès la fermeture des brèches de mai 1968 ; comprendre que la constitution du sensible exposée à travers les trois faisait toute référence à cet événement ; et nous essaierons de comprendre comment chacun d'eux a dû retravailler dessus après la crise. Nous amènerons ainsi les concepts au champ des problèmes de l'époque. Nous verrons comment Guattari a traversé ses années d'hiver à travers le diagnostic de nécrose/miasmes. Avec Foucault, nous suivrons le passage de l'analyse des rapports de force du modèle militaire à celui de gouvernement. Et avec Deleuze nous suivrons son cheminement vers la peinture et le cinéma, dans son déplacement par rapport aux champs de travail antérieurs. Compte tenu du cheminement proposé, la thèse tentera d'extraire des parallèles qualitatifs sur le temps présent par rapport à cette période de fermeture des auteurs. On espère qu'à travers la persistance du plan de constitution du sensible, un nouveau regard sur le présent pourra être extrait de cette interférence entre les temps, notamment en ce qui concerne l'oscillation entre les deux mots prophétique et apocalyptique.

Mots clefs: Philosophie politique. Constitution du sensible. Événement. Nécrose. Guerre.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	VER E FALAR EM FOUCAULT.....	22
1.1	O saber em dois polos: os enunciados e as	26
1.2	visibilidades.....	32
1.2.1	O regime dos enunciados: funções e espaços.....	43
1.3	<u>As três direções da linguagem: sujeito, objeto e conceito.....</u>	54
1.4	Regime das visibilidades: as luzes de uma época.....	64
2	Mapas dos enunciados e das visibilidades: as relações de	75
2.1	poder.....	77
2.1.1	O AGENCIAMENTO E O INFORMAL EM DELEUZE E	82
2.1.2	GUATTARI.....	88
2.2	Agenciamento e as palavras de	93
2.2.1	ordem.....	102
2.2.2	<u>Transformações incorpóreas das palavras de</u>	112
2.3	<u>ordem.....</u>	120
2.3.1	<u>Tetralência do</u>	128
3	<u>agenciamento.....</u>	
	Informal: plano de consistência, máquina abstrata e	137
3.1	agenciamento.....	141
3.2	<u>Relação entre o informal e o formal: o processo de</u>	178
3.3	<u>estratificação.....</u>	209
	<u>Da segmentaridade ou das linhas do terceiro estrato.....</u>	251
	Paisagem arborescente ou rizomática: sensibilidade em	265
	movimento.....	
	<u>Linguística e pragmática: linguagem maior, menor e</u>	
	<u>devir.....</u>	
	A SENSIBILIDADE NA CRISE E A CRISE DA SENSIBILIDADE:	
	ENTRE NECROSE E	
	CRIAÇÃO.....	
	Guattari: miasmas e os anos de inverno.....	

Foucault: do poder ao governo.....
Deleuze: os clichês na arte.....
CONCLUSÃO.....
REFERÊNCIAS.....

INTRODUÇÃO

Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault

A presente tese parte de uma inquietação. Diante dela, elabora um campo conceitual para atravessá-la, bem como tensionar os seus impasses. Começamos pela inquietação: quando o momento de fechamento se apresenta, quando as condições não são favoráveis ao pensamento e à mobilização progressistas, quando o cansaço parece ter se tornado constitutivo à vida, quando os conceitos que guiavam as práticas não mais funcionam, quando a moral, bem como a razão prática, entram em crise, o que resta a ser feito ou, o outro lado da mesma pergunta, como ainda nos mantemos ativos? Partimos dessa inquietação-pergunta, que acreditamos constituir a paisagem política da atual. Uma realidade que atravessa não apenas o Brasil, mas o mundo. Aqui, depois de junho de 2013. No mundo, depois de anos de mobilização contagiantes, das manifestações alterglobalistas na virada do milênio em Seattle, até o ciclo da Primavera Árabe em 2011, bem como no contágio das acampadas que foram da Espanha (15M), ao Brasil e Hong Kong¹.

Se permanecermos no arco do que foi a década de 2010, podemos falar de uma rápida transformação ou mudança atmosférica. Em um arremate, experimentamos uma aceleração e abertura gigantescas e uma paragem catastrófica. No início dela, circulava-se por uma paisagem de mobilização, com diferentes pesquisas que se voltavam para as novas manifestações, teorias sobre a constituição das multidões, as ações possíveis através dos novos movimentos sociais e suas experimentações. Em poucos anos, perderam espaço para aquelas sobre as guerras, das culturais às híbridas, o capitalismo

¹ Sobre essas manifestações, podemos citar diferentes obras que se debruçam sobre cada um desses eventos ou estabelecem um fio longo delas. Pode-se conferir, por exemplo: GERBAUDO. *The mask and the flag*. 2017; CAVA e BELTRÁN. *Podemos e Syriza*. 2015; COCCO. *Korpobraz*. 2014 (principalmente o quinto capítulo); MENDES. *Vertigens de Junho*. 2018; COCCO e CAVA. *Enigma do Disforme*. 2018 (principalmente o terceiro capítulo).

de plataforma, o neoliberalismo pela sua face expropriatória, sobre as novíssimas formas totalitárias de controle, dos algoritmos – sejam os financeiros ou os das bolhas midiáticas – aos drones. Também frente àquelas sobre a crise do sistema representativo das democracias ocidentais, o funcionamento e difusão dos mecanismos de *fake news*, à emergência do fenômeno da *alt-right* e dos novos populismos, para não falar sobre as pesquisas em colapsologia. Passamos rapidamente da sensação de que algo poderia estar surgindo para a de um mal-estar diante de tempos sombrios: sensação atmosférica de que tudo está fechado e de que nada é possível, salvo a certeza da catástrofe.

Para além dessas pesquisas, há um mosaico de acontecimentos políticos que explica essa atmosfera. Não temos por objetivo percorrer todos os pontos que o constituem. Ou mesmo a genealogia da derrocada entre os dois momentos. Além de depender do país em que se debruce, ele se apresenta através de diferentes escalas. Apenas podemos apresentar alguns de seus marcadores. A ascensão da extrema direita articulada com a ressurgência de nacionalismos fortes, quase sempre xenofóbicos. A crise, talvez sem volta, da democracia representativa estruturada através de uma máquina eleitoral partidária. O tratamento dispensado aos imigrantes, nas novas condições de uma crise econômica generalizada, principalmente após a pandemia da Covid-19 – os indicadores de concentração de renda se acentuaram ainda mais, com condições nefastas para os mais pobres. Para não falarmos dos movimentos contrários à vacina e à ciência. E da persistência dos mecanismos que nos legam um desastre ambiental sem precedentes, com o antropoceno e suas consequências como um fato cada vez mais inexorável². Na América Latina, depois da maré rosa – como é reconhecida a guinada à esquerda por parte de novas lideranças que chegaram ao poder durante a década de 2000 –, colhemos como resultado não o sonhado pós-neoliberalismo, mas diversos conflitos para dentro de cada país, com escândalos de corrupção, desconsiderando ou cooptando os movimentos, para não falarmos das crises humanitárias e políticas: com o ponto máximo de miséria na Venezuela – onde a

² É importante reconhecer que esse termo faz referência a uma nova era geológica, na qual o humano se tornou um fator mais impactante na presente duração do planeta terra, moldando-o à sua feição. E, por isso, impondo transformações irreversíveis: do aquecimento, à perda de biodiversidade e a própria extinção da vida. Entretanto, o termo não é isento de questionamentos para dentro da ecologia. Jason Moore (2015), por exemplo, prefere o termo “capitaloceno”, para demarcar que a crise decorre diretamente de um modo específico de produção e consumo. Donna Haraway (2016) prefere pensar pelo jogo colaborativo para além do fechamento e do catastrofismo, retirando o humano do centro da análise; propõe pensar a partir do terrano, em jogos colaborativos para fazer frente a uma dinâmica na qual os refugiados são os mais diversos possíveis, humanos e não humanos; um mundo sem refúgio para todos. Por isso, falará de “Chthuluceno”, pela ficção científica das figuras tentaculares que se relacionam para além das dicotomias e separações modernas. Para mais sobre esse debate, cf.: PRATES, 2020.

população perdeu uma média em quilos no seu peso, somado ao desrespeito completo aos direitos humanos e uma economia totalmente devastada – e a Nicarágua, que a ida à esquerda significou o fim do processo democrático e a perseguição de qualquer oposição³. Da Primavera Árabe, o único país que chegou a promulgar uma nova Carta e implementar uma democracia, a Tunísia, hoje está envolta em uma turbulência que ameaça toda a transformação instaurada, na medida em que não conseguiu romper com as relações de força já existentes – pode-se dizer que ocorreu um rearranjo interno, com a mesma oligarquia política e econômica no poder, e não a instauração de uma democracia que impactasse uma mudança no estado de coisas anterior.

São muitos os marcadores sombrios na atualidade. Mas, para a inquietação que move a tese, podemos acrescentar um segundo componente. Um que diz respeito ao percurso de pesquisa daquele que aqui escreve. Durante o trabalho desenvolvido no mestrado, mobilizou-se uma tradição que se propunha pesquisar as linhas de tendência criativas por dentro da conjuntura, com o intuito de liberar novos problemas ou destravar campos para as mobilizações políticas. Tratava-se da tradição operaísta/pós-operaísta⁴. Organizávamos, naquele trabalho, um estudo que perseguia as linhas de tensão por dentro da formação do dispositivo moderno da *governance*, identificando os impasses que o desestabilizavam por dentro. Entretanto, nos anos posteriores à sua defesa, percebeu-se que os conceitos manejados a partir dessa tradição perderam operacionalidade com os novos tempos. O percurso que proporemos aqui também enfrentará essa perda, para identificar a razão para tal impasse. Voltaremos a ele na conclusão e tentaremos perceber o que se passava por fora dessa chave de análise. Apenas podemos adiantar que o conceito de multidão, por exemplo, perdeu operacionalidade quando, como conjunto de singularidades em ebulição, capazes de criar novas relações sociais em comum – que tanto havia funcionado na leitura das manifestações –, não dava uma resposta à recaptura da mesma massa disforme pela máquina eleitoral e pelas guerras culturais, que a haviam cindido entre uma direita e uma esquerda. Transparecia e ainda transparece ser um instrumento que funciona em

³ Atualmente, em 2022, já se fala em uma nova guinada à esquerda, com os novos governos da Argentina, Chile, Venezuela e, possivelmente, no Brasil. Mas, para um balanço sobre a experiência progressista e a sua falência, cf.: COCCO; CAVA. 2018, pp. 104-122 (item 3.3: *O desmoronamento do ciclo progressista*).

⁴ Podemos questionar a utilização do termo tradição. Giuseppe Cocco afirma que o operaísmo e o autonomismo diziam muito mais respeito a um método do que propriamente a uma tradição. Entretanto, independentemente de como se chame, ele surgiu a partir de um marxismo heterodoxo italiano na década de 1950 e 1960. Para mais, cf.: COCCO. 2001; ALTAMIRA. 2008, pp. 115-217.

momentos de efervescência, não dando conta da ambiguidade e da complexidade das relações quando um fechamento se instaura.

De toda maneira, parece-nos haver uma toxicidade constituinte ao nosso tempo. Não apenas pelo vírus pandêmico que ainda circula, mas pela própria paralisia diante das condições sufocantes. Dos mapas anteriores que nos davam a ver caminhos possíveis, novas mobilizações e linhas de pesquisa, experimentamos atualmente as suas necroses. Necrose aqui, como conceito forte, dirá respeito justamente à perda em vitalidade das linhas que antes expunham alternativas, que guardavam uma potência de vida: um fato que afeta o corpo que se mobilizava, que pode se alastrar por ele todo, levando-o à sua morte ou ao comprometimento de uma parte de sua existência – devendo, por exemplo, ser cortado para evitar o contágio ou uma falência múltipla. A natureza das pesquisas posteriores às mobilizações já nos confere a dimensão de que os conceitos que ainda parecem funcionar são aqueles que descrevem a necrose dos tempos sombrios. Multiplicaram-se as teorias sobre as catástrofes, sendo essa talvez a marca do nosso tempo⁵. Mas, é crucial reconhecermos, narra-se o que já se está apresentado a ver, quase como reportagens diante de fatos.

Caso nos coloquemos na intercessão entre os dois momentos da década de 2010, parece-nos possível observar uma divisão no pensamento e na ação: entre um momento de uma palavra profética que arregimenta pelas tendências de mobilização por fora das condições de dominação; e uma palavra apocalíptica ou catastrofista, igualmente voltada à tarefa de arregimentar, mas pela paralisia diante da organização da opressão e do grau absoluto da dominação. É claro que esse quadro, que apresenta uma oscilação fácil entre uma euforia e uma catatonia, pode ser criticado ou mesmo ter a sua própria formulação questionada. Pode-se objetar que essa polarização sempre atravessa cada tempo histórico. Com cada geração experimentando a desolação à sua maneira. Mesmo sendo verdade, podemos elencar ao menos duas boas razões para analisá-la. Primeiro, da repetição não podemos retirar a conclusão de que todos os momentos sejam os mesmos. E segundo, por consequência, dizer que sempre se viveu assim não contribui em nada para explicar como lidar com a atualidade quando a necrose se alastra. Não nos parece, como queremos pesquisar a partir dos autores que trabalharemos aqui, que essa oscilação seja necessária ou mesmo aceitável. Cada um dos três autores que escolhemos

⁵ Sobre essa atmosfera de catástrofe, podemos citar a emergência cultural da temática das distopias, nas mais diferentes produções artísticas. Mas, também, os estudos que se voltam para esse novo momento, nos termos do antropoceno e do fechamento das experimentações para além do capitalismo. Sobre esses, podemos citar: DEPUY, 2011; STENGERS, 2015.

lidou com uma e mesma crise social, logo depois de um momento de ebulição revolucionário. E, mesmo que não tenha sido da mesma maneira que a crise tenha alastrado no pensamento de cada um deles, proporemos ver como eles lidaram com a dicotomia entre a euforia e o catastrofismo.

Sobre os autores, escolhemos abordar Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os três ligados aos movimentos de Maio de 1968, em sua conexão à mobilização na França e no mundo – como analisaremos no terceiro capítulo. Nessa escolha, temos que adiantar que pode surgir uma outra objeção quanto ao fato de que tais autores diriam respeito a um período que difere e muito da atualidade da qual se escreve. Mas, acreditamos que podemos afastá-la por outras duas razões. Primeiro, na medida em que não tentaremos espelhar a atualidade com o período em questão dos autores. O que construiremos na presente pesquisa será um recorte que, primeiro, mostrará o arquipélago conceitual que os autores criaram para organizar as suas análises da época – muito ligadas ao momento de mobilização –, e, depois, como essas mesmas análises enfrentaram o período de fechamento, os tempos sombrios, e, por diferentes caminhos, tornaram-se capazes de criar uma dissonância com relação à alternativa conferida pela polarização. Então, a comparação implícita que acompanha a presente escrita não será organizada para extrair paralelos quantitativos, mas uma análise qualitativa que pode ou não apresentar uma saída ética criada pelos autores destacados e nos levar a uma maneira de, talvez, recolocar em questão o nosso tempo presente. Mesmo se os conceitos criados por eles não venham a ser operacionais à atualidade – à maneira como aqueles do pós-operaismo –, ainda tentaremos extrair a postura que eles assumiram diante do fechamento e no período posterior à crise.

Por uma segunda razão, acreditamos que nos tornaremos capazes de traçar esses paralelos qualitativos na medida em que apresentemos um terreno comum aos períodos. Para essa tarefa, é interessante entrar pelas leituras de François Hartog acerca da importância das transformações da década de 1970 – elaboradas na década de 2000, ou seja, posteriormente. De acordo com ele, foi nesse período que um novo espaço de experiência entre a história e a atualidade emergiu. Na sua obra *Regimes da historicidade* (2019), ele nos dá as pistas para entendermos a mudança na relação que estabelecemos com o tempo. Relação que implica a organização da percepção que temos da divisão entre presente, passado e futuro (Ib., p. 10-16). Ele aponta que a década em questão marcou o fim da era das utopias. Que era marcada por uma determinada flecha do tempo, fixada e ossificada em direção a um futuro (Ib., p. 147).

Uma flecha que atravessava os modelos de revolução socialistas – da soviética à chinesa e cubana –; modelos que apostavam na conquista de uma posição de poder para verter o futuro a um horizonte de avanços – crença de uma posição a ocupar, um fim possível da luta ao se chegar ao poder do Estado. Ao que se opunha a um outro futuro desenhado, aquele dominante do capitalismo desenvolvimentista, ao menos o dos EUA e da Europa: fordista e, em alguma medida, planejador, mas que funcionava através de uma pactuação sucessiva com a classe trabalhadora – fomentando a sindicalização, as reivindicações salariais e desenhando a vida estável na cidade (Ib., p. 147-150).

A partir de 1970, o arranjo que garantia essa flecha do tempo apontada para o futuro se rompe. Hartog enxerga, nesse momento, uma transformação na relação com o tempo. O presente passa gradativamente a se expandir, dobrando sobre ele o passado e o futuro. De forma que se chegaria a organizar um “presente maciço, onipresente, invasivo, que não tem nenhum horizonte a não ser a si próprio, fabricando cotidianamente o passado e o futuro de que necessita, dia após dia” (Ib., p. 238). Mesmo que as percepções comuns e a sensibilidade progressista se organizassem a partir de uma origem, de uma história e de um projeto, o seu funcionamento e a sua transformação eram sempre vertidos a um presente de curto giro. A característica do nosso tempo, para Hartog, é que se está a todo tempo sob a lente de um presente em tensão, capaz de ser aberto, mas que é profundamente controlado e controlador. Um presente que passa a ser o local no qual se estabelece o jogo político e histórico. E o conceito que ele mobiliza para esse novo regime de historicidade é o de *presenteísmo*. Um presente em vertigem, que se avoluma para nos fazer carregar sempre as novas exigências. Ou seja, multidirecional: “presente que é igualmente ávido e ansioso de historicização, como se estivesse forçado a projetar-se à frente de si mesmo para olhar-se imediatamente como já passado, esquecido” (Ib., p. 259). Um presente que ilumina toda a realidade⁶, vinculando uma dupla dívida: obcecado pela produção de memória e

⁶ Existem também aqueles que, diante desse fechamento, atribuem uma tarefa à esquerda partidária e intelectual de organizar o negativo para transformá-lo em potência. É o caso de Enzo Traverso, que enxerga a melancolia como o afeto de mobilização constituinte após a década de 1970 (2018). Também trabalhando com Hartog, ele retira outras consequências diante do fato do “eclipse geral das utopias” (Ib., p. 36). Para ele, o período em que vivemos abdicou da imaginação social e política – resgata a inquietação que vai de François Furet a Frederic Jameson, de que é mais fácil pensar o fim do mundo do que uma mudança na constituição da nossa sociedade ou o fim do capitalismo (Ib., p. 17). Em seu entendimento, da utopia, havíamos passado a viver a proliferação desenfreada de distopias. A sua obra se torna interessante na medida em que ele estuda parte da cultura de esquerda, e a aloca como uma combinação entre luto e luta. Mas, o combustível que ele enxerga para a esquerda, para sair da paralisia, é a melancolia. Segundo ele, abraçar esse afeto seria o único antídoto contra o presentismo descrito por Hartog: não permitindo resignar-se pela derrota constante e transformar o luto em algo positivo. Era

pela probabilidade do futuro. Na medida em que, “parte-se do presente e não se sai dele” (Ib., p. 258), em uma “tirania do imediato” (Ib., p. 259).

Dessa forma, com Hartog, podemos dizer que o presentismo nasce no mesmo momento em que os três autores que iremos trabalhar criam os seus conceitos. E talvez tenham sido os primeiros a lidar com a crise nesse novo formado do tempo, nesse novo regime de historicidade. Esclarecido esse terreno comum, nos instalaremos na presente tese em 1968 e no seu fechamento, no final dos anos de 1970 e início de 1980. Veremos como os autores experimentaram essa transformação do tempo e a expansão da condição de necrose nos caminhos que antes eram de abertura. Veremos como o fechamento resultará em diferentes crises para cada um deles. Guattari reconheceu seu momento de crise no início da década de 1980. Foucault ficou paralisado por um longo ano, em 1978, mas atravessou a crise de 1977 a 1979. Deleuze deslocou seu campo de estudos, de um trabalho mais voltado para a filosofia política, para aquele sobre a arte, de 1981 a 1985.

Veremos cada um desses deslocamentos, mas é importante percebermos que cada um deles apresentará uma maneira de lidar com a crise, uma forma ética de, talvez, não recair na polarização da euforia e da catatonia. Não recair na condição do presentismo. Tentaremos ver como eles, talvez, nos permitam jogar uma outra luz para esse novo momento de fechamento. Talvez os três nos lancem outros questionamentos, ou mesmo nos joguem sobre os mesmos impasses que eles analisaram. De qualquer maneira, podemos adiantar que não será sobre a mesma polarização. A característica que nos motivou a estudá-los é a de que eles se propuseram a permanecer na particular ambiguidade de sua época. E a face que já nos garante ir além do sombrio é aquela de que eles partem de uma pragmática, antes de se orientarem por universais ou conceitos estanques. Mesmo que o caminho que escolhemos aqui não resulte em boas soluções ou novos incômodos ao nosso presente, teremos ao menos a reafirmação da necessidade de

evitar, também, o ponto no qual a esquerda havia se enredado ao transformar a derrota em uma narrativa das vítimas, esvaziando o papel ativo das lutas dentro de cada momento histórico – crítica, assim, a função que a memória acabou assumindo, de esvaziar qualquer dimensão positiva: passou-se das experiências revolucionárias à memória global de vítimas e o mosaico de sofrimentos fragmentados (Ib., p. 55-8). Teríamos ido, segundo ele, da utopia a um passado fechado, da revolução à memória (Ib., p. 64-66). Entretanto, apesar de uma chave de análise possível, acreditamos que ele – que mobiliza em termos de catatonia, em um primeiro momento, e, depois, através de uma euforia pela continuidade da luta a despeito das derrotas – não nos torna capazes de afrontar a inquietação que colocávamos. Nos parece que Traverso não nos permite ir além da dicotomia entre a palavra apocalíptica e a profética: antes, guarda uma nostalgia pela perda dessa última palavra e retrabalha a primeira para resignar-se pelo processo de uma derrota constante. Permanece, assim, sem trabalhar as condições da própria organização dessa polarização.

percebermos os acontecimentos e tudo a nossa volta pelo ambíguo, pela tensão existente em sua dinâmica fluída, antes de grades certezas.

Para atravessarmos esse caminho escolhido, organizaremos a tese com base em um conceito central, a partir do qual atravessaremos a produção dos três autores. Será através dele que traçaremos os paralelos qualitativos e a possibilidade ética de ir para além da polarização. Trata-se da constituição do sensível ou da sensibilidade. Apesar de se tratar de um conceito que será exposto ao longo da tese, precisaremos esclarecer, ao menos momentaneamente, a sua articulação e função. Essa noção faz referência às condições gerais que se têm em uma determinada época. Trata-se de um conceito que, como usaremos aqui, nasce com o Immanuel Kant – um nascimento que também veremos, logo no início do primeiro capítulo. Mas, que não se fixará nele, na medida em que os três autores destacados operarão torções nas condições que aquele colocava como atemporais. Eles farão o conceito derivar sempre da histórica, das condições que farão referência a uma trama pragmática contingente. Ele será organizado a partir de um bípede: as condições do ver e do falar. Ou seja, buscaremos explicar como os autores entendem que uma época sempre possui uma determinada maneira histórica de ver e de falar. Maneira que implica limites e pode explicar a organização da representação ou do regime de limitação e fechamento com o qual lidamos a cada momento histórico.

Exploraremos, em Foucault e, depois, em Deleuze e Guattari, as maneiras pelas quais essas condições podem ser organizadas. A forma pela qual podemos chegar a elas e como eles as utilizaram para dar conta de sua atualidade. Sempre políticos, os trabalhos desses autores não se contentarão, como ficará claro, com uma descrição distanciada: essa própria noção de constituição do sensível já será uma transversal por entre as disposições tradicionais de um tipo de descrição isenta. Acreditamos que atingiremos, ao final da tese, a conclusão de que, na polarização exposta entre as palavras proféticas e apocalípticas, essa noção e a manutenção inerente da sua tensão permitirão repensar os tempos sombrios e expor um caminho de criação para além das necroses.

Contudo, antes de expormos o conteúdo de cada capítulo e entrarmos na tese, precisamos entender como estabeleceremos a relação entre os três autores. A relação entre Deleuze e Guattari nos parece ser mais óbvia, dado que os dois escreveram juntos por bastante tempo, de 1970 a 1992. Quanto a Foucault, a proximidade já não é tão clara: temporalmente, todos viveram na França o período de 1968, a década de 1970 e o início dos anos 1980. Chegaram a trabalhar juntos por alguns momentos; Foucault e

Deleuze ainda mais, na medida em que se tornaram verdadeiros amigos – veremos no terceiro capítulo o período do GIP (Grupo de Informações sobre as Prisões). Mas, ainda assim, a costura que faremos aqui será teórica. Então, precisaremos entender a maneira como poderemos criar um plano para estabelecer a relação conceitual.

Temos que reconhecer, de maneira antecipada, que utilizaremos aqui um Foucault diferente. O primeiro capítulo será dedicado à sua constituição do sensível, mas, depois de expormos, pode parecer ser um Foucault próximo ao tratamento dispensado por Deleuze. Entretanto, não se pode dizer que não se trata de Foucault, por mais que o percurso realce algumas faces de pouco destaque na sua obra. O objetivo, de costurarmos o bípede da sensibilidade, nos conduz a tal recorte. De forma que, a disposição será menos da ordem de alguma fidelidade ao autor, ao seu verdadeiro pensamento, do que daquela de apresentação de seus conceitos, seu pensamento e da possibilidade de sua contribuição para a atualidade. Não tanto o verdadeiro Foucault, mas a operacionalidade de seus conceitos quanto a um problema posto.

Um Foucault mais deleuziano, na medida em que teremos um Deleuze e um Guattari mais foucaultianos ou um Guattari não tão deleuziano? Para efeitos do nosso trabalho, pouco importa. O objetivo será compreender a maneira como podemos estabelecer um conceito à três da constituição do sensível – um agenciamento, mas ainda veremos como esse conceito se comporta no segundo capítulo. Uma construção que queremos dar a ver: a constituição da sensibilidade como um conceito forjado para dar conta da paisagem estético-política de sua época. Para tal empreitada, de construção do plano, podemos resgatar o peculiar tratamento que Deleuze dispensa aos seus trabalhos filosóficos sobre autores específicos. Entramos aqui na sua ideia de uma construção de duplos sem semelhança. Construções conceituais que apontam para verdadeiros paradoxos: trabalhos que são e não são sobre os autores ao mesmo tempo⁷. Esse método, para Deleuze, é o que diferenciaria um trabalho criativo daquele de uma história da filosofia. Atravessar o autor com o intuito de fazer ver algo junto dele, de construir uma torção suficiente para ser próximo, mas ao mesmo tempo extrapolar ele.

⁷ Deleuze associa esse seu método a uma tarefa de produção de um filho. Por mais cômico ou irreverente que possa parecer, é um método real: “Mas minha principal maneira de me safar nessa época foi concebendo a história da filosofia como uma espécie de enrabada, ou, o que dá no mesmo, de imaculada concepção. Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e, no entanto, seria monstruoso. Que fosse seu seria muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas para que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer” (2013, p. 14)

Traçar algo para além da mera cópia e da sua identidade com um modelo. Construir aquilo que ele chamava de simulacro, esse conceito que Deleuze tomou e torceu por dentro da filosofia de Platão, no *Lógica do sentido* (2015)⁸.

A característica da cópia, ou daquele trabalho de expor a obra de um autor, é de ser uma imagem dotada de semelhança, de imitar ou reproduzir o modelo do qual tem por base. De se aproximar ao dito na obra de referência. Ao passo que, o simulacro instaura o paradoxo que vimos: por mais que tenha o efeito de semelhança, que possa parecer externamente, ele interioriza uma diferença, que o faz ser uma imagem sem semelhança. Ele é construído com base em uma disparidade, instaurando uma dimensão de não ser por dentro daquilo que transparece o ser (Ib., p. 263). Tal é o delírio deleuziano do simulacro: afirmar a potência do simulacro, a sua subversão, “que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução” (Ib., p. 267). É o seu método de vertigem característica, de arrastar os pontos de vistas estáticos daqueles que escrevem sobre um autor, bem como o trabalho do próprio autor – ou seja, entre os sujeitos e os objetos dados de antemão⁹.

A positividade dessa torção é reconhecida, inclusive, por Roberto Machado. Tendo ido à França na década de 1970 para estudar com Foucault, aproxima-se de Deleuze e acompanha as suas aulas na Universidade de Vincennes – hoje conhecida como Universidade de Paris-VIII. Inclusive assiste àquelas dedicadas ao próprio

⁸ Como Deleuze afirma quanto ao tratamento dado por Platão ao modelo, cópia e simulacro: “Partiríamos de uma primeira determinação do motivo platônico: distinguir a essência e a aparência, o inteligível e o sensível, a Ideia e a imagem, o original e a cópia, o modelo e o simulacro. Mas já vemos que estas expressões não são equivalentes. A distinção se desloca entre duas espécies de imagens. As cópias são possuidoras em segundo lugar, pretendentes bem fundados, garantidos pela semelhança; os simulacros são como os falsos pretendentes, construídos a partir de uma dissimilitude, implicando uma perversão, um desvio essencial. É neste sentido que Platão divide em dois o domínio das imagens-ídolos: de um lado, as cópias-ícones, de outro os simulacros-fantasmas. Podemos, então, definir melhor o conjunto da motivação platônica: trata-se de selecionar os pretendentes, distinguindo as boas e as más cópias ou antes as cópias sempre bem fundadas e os simulacros, de mantê-los encadeados no fundo, de impedi-los de subir à superfície e de se ‘insinuar’ por toda parte” (2015, p. 262).

⁹ Através da reversão desse modelo da representação de Platão, Deleuze reafirma a potência do simulacro, principalmente a partir de Nietzsche. A potência do falso e a importância do eterno retorno: entre um retorno manifesto e um retorno latente. O primeiro, que organiza o caos, a loucura do conteúdo latente, como uma pacificação pelo platonismo; e o segundo, que, por mais organizado que possa ser o conteúdo, ainda persiste uma latência como devir-louco, que arrasta o organizado (2015, p. 268-70). Assim Deleuze definirá a tarefa da filosofia na modernidade: “Definimos a modernidade pela potência do simulacro. Cabe à filosofia não se moderna a qualquer preço, muito menos intemporal, mas destacar da modernidade algo que Nietzsche designava como o intempestivo, que pertence à modernidade, mas também que deve ser voltada contra ela – ‘em favor, eu o espero, de um tempo por vir’ (...). O intempestivo se estabelece com relação ao mais longínquo passado, na reversão do platonismo, com relação ao presente, no simulacro concebido como o ponto desta modernidade crítica, com relação ao futuro no fantasma do eterno retorno como crença do futuro” (Ib., p. 270-1). Antes de acabar com o fundamento, instaura um movimento nele, de arrastar sempre as certezas quando postas em rigidez: a potência do simulacro nos joga sempre para além da representação solidificada.

Foucault, que analisaremos aqui no primeiro capítulo. Para ele, há, de fato, uma diferença no Foucault exposto por Deleuze, mas é algo que não implica uma negação do trabalho do primeiro (2015). Antes, é a introdução positiva de uma diferença que se expande para dar um outro matiz, uma nova disposição ou organização dos conceitos, a partir de um outro problema posto¹⁰. Confere, então, uma nova trama, que realça conceitos marginais e faz sair de cena alguns conceitos fortes. O simulacro será, nessa medida, a possibilidade de jogar com as aberturas que já existem para dentro dos autores, mas que, a partir de outros problemas, terão seus conceitos retrabalhados e reorganizados¹¹. Será isso que faremos com os três autores, vertendo o seu percurso para a problemática aberta a partir da constituição do sensível e de como transitar e criar pela necrose dos tempos sombrios.

Passando para a organização da presente tese, teremos um estranho triângulo nos dois primeiros capítulos: Foucault, Deleuze e Guattari. Traçaremos um plano no qual eles funcionarão juntos. Claro, teremos percursos e conceitos diferentes, mas, como já afirmamos, a preocupação aqui será traçar o mosaico móvel da constituição do sensível. Reforcemos, constituição que veremos como um bípede: as condições do ver e do falar.

No primeiro capítulo, entraremos por Foucault e exploraremos a sua teoria dos enunciados. A maneira como ele se distancia dos tratamentos da linguística. Da mesma forma, exploraremos, com a ajuda da leitura de Deleuze, o polo da visibilidade ou do ver. Nesse polo, veremos como Foucault trabalha a partir da arquitetura, da pintura e da poesia e literatura, de forma a organizar todo um regime do visível para além dos

¹⁰ Conforme Machado reconhece quanto aos cursos de Deleuze sobre Foucault: “O importante daquele curso para mim foi que, como eu conhecia o pensamento de Foucault independentemente do que Deleuze dizia dele, pude compreender a importância das torções feitas naquelas aulas para produzir um duplo sem semelhança de Foucault. O que, evidentemente, seria impossível se eu não tivesse esse conhecimento. Mas, ainda mais importante foi que, generalizando a partir daí, pude compreender a função da torção na constituição de seu pensamento filosófico de um modo geral; pude compreender com clareza sua posição de que a repetição de um pensamento deve afirmar sua diferença, e não buscar sua identidade, deve criar um duplo que comporte o máximo de modificação dos pensamentos de que ele se apropria” (2015, p. 14).

¹¹ Esse será o nosso trajeto. Traçaremos simulacros em cada um dos autores. Não apenas quanto ao Foucault, mas também em Deleuze e Guattari. Por exemplo, pode parecer que tomaremos simples o percurso de *Mil platôs* no segundo capítulo, mas tal realização se insere no objetivo perseguido de explorar a constituição do sensível, principalmente em contraponto ao nosso presente. Não falaremos nada que não estivesse presente na obra em destaque, mas não se poderá dizer que o faremos da mesma maneira ou com todos os conceitos manejados. Como um caleidoscópio, ao girarmos o livro com base em outros problemas e outros recortes, será impossível não transformar a sua leitura. Igualmente, quando chegarmos ao terceiro capítulo e começarmos por Guattari, parecerá que as análises de Foucault e de Deleuze se integram a dele. Ou mesmo parecer que as de Foucault, o segundo a ser analisado no capítulo, encontrariam ressonância em Guattari. De toda forma, o percurso do terceiro capítulo acabará por jogar outra luz sobre a produção de Deleuze, o último a ser analisado: o que reacenderá politicamente os seus conceitos do período. Por isso dissemos em linhas acima sobre o fato de termos também um Deleuze guattariano ou foucaultiano. O plano que construiremos não orbitará, de forma alguma, em torno da figura de Deleuze.

enunciados. Chegaremos às condições históricas pragmáticas de cada período, o que Foucault chamou de estrato. E iremos ao ponto de chegada do capítulo, que será sobre a sua noção de relações de poder. Mas, não nos aprofundaremos nela, na medida em que a veremos melhor no terceiro e último capítulo, quando reconheceremos que a sua organização teve um papel fundamental na própria crise de Foucault no final da década de 1970. De qualquer maneira, nesse primeiro momento, exploraremos como as relações de poder se organizaram com base na sua pragmática dos estratos e vice-versa. O que deverá ficar claro nesse primeiro capítulo é a constituição do sensível tal qual aberta por Foucault, bem como a sua tarefa conceitual diante dela.

No segundo capítulo, passaremos para a análise de Deleuze e Guattari, principalmente na obra *Mil platôs*. Mas, como será percebido ao longo do capítulo, faremos o movimento de analisar como as obras anteriores já lançavam o campo para a organização do bípede da sensibilidade. Através dos dois autores, levaremos a constituição do sensível ao informal, ao campo abstrato que eles chamavam de plano de consistência – no qual um outro conceito também opera, aquele da máquina abstrata. Perceberemos que a construção delirante dos dois nos permitirá explorar mais faces da constituição do estrato, que se expandirá para toda a Natureza. E como os conceitos criados permitiam lidar com a atualidade em movimento, percebida através da noção de agenciamento. Pretenderemos chegar, ao final, à conclusão da tarefa ética assumida pelos autores no momento de realização da obra, de se afastar da tentação de uma arborescência diante da atualidade, instaurando, antes, uma rizomática.

O terceiro capítulo se concentrará no período de fechamento para cada um dos autores. Nesse momento, realizaremos uma separação entre Deleuze e Guattari, na medida em que a década de 1980 implicou em trabalhos e percursos separados para os dois autores¹². Nos debruçaremos na maneira pela qual cada um atravessou a crise das condições de 1968. Como veremos, será comum a eles se conectarem eticamente à face do acontecimento frente àquela do estrato – das condições de fechamento. Guattari se voltará para o fechamento, negando-se a agir nos novos termos propostos pelas urgências do cotidiano da época e dando a ver aquilo que ele chamará de miasmas: as necroses da militância e do cotidiano do capitalismo. Foucault se deparará com a crise

¹² Guattari repensará inclusive o trabalho que havia feito, até então, com Deleuze. Por carta, em 1982, questionava a sua pertinência: um trabalho que havia se “esfumado” para ele. Ao que Deleuze reafirmava a sua importância (trabalho), e que permanecia vendo em Guattari um “prodigioso inventor de conceitos ‘selvagens’” (2016, p. 259). Não seria algo trivial, na medida em que eles apenas retornariam à escrita conjunta e de fôlego após a crise, no início dos anos de 1990, com *O que é a filosofia?* (2010).

de seus próprios conceitos, na medida em que não mais davam conta de gerar interferências na sua atualidade: precisará sair da apreensão das relações de poder na chave bélica, passando para a analítica do governo. E Deleuze irá para a pintura e o cinema, para pensar *com* e para além das amarras dos conceitos políticos que ele havia construído e daqueles que circulavam no período: desses trabalhos emergirá a questão do clichê como a condição transversal de sua época.

Portanto, ao longo da proposta desses três capítulos, buscaremos entender como o conceito de constituição do sensível dirá respeito aos três autores, bem como mostrar que foi pelo seu campo que eles afrontariam o período de crise. Para dar a ver os impasses dos marcadores que guiavam as mobilizações positivas das épocas anteriores, bem como a possibilidade de forjar um caminho ético e criador diante das suas necroses. No terceiro capítulo, levaremos os conceitos à altura dos problemas, para justamente dar a ver o campo da constituição do sensível em seu afrontamento com a atualidade. Ao final, tentaremos entender se, nos paralelos qualitativos, esses caminhos abertos podem nos conduzir a rever os problemas do presentismo atual e os impasses da conjuntura dos tempos sombrios. Lembremos que, diante do percurso, esperamos que novos problemas possam surgir ou, ao menos, um caminho ético possível possa se apresentar ao nosso tempo presente.

REFERÊNCIAS

- ABREU FILHO, Ovídio. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. *Mana* (Rio de Janeiro), Contra Capa Livraria, v. 4, n. 2, p. 143-149, 1998.
- ALLIEZ, Éric. Structuralism's Afters: Tracing Transdisciplinarity through Guattari and Latour. *Theory, Culture & Society*. 2015;32(5-6):139-158.
- ALTAMIRA, César. *Os marxismos do novo século*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- ARTIÈRES, Philippe. Uma política menor: o GIP como lugar de experimentação política. In: VEIGA-NETO, A.; CASTELO BRANCO, G (orgs.). *Foucault: filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp. 319-331.
- BEAULIEU, Alain. Towards a liberal Utopia. *Philosophy and Social Criticism*. v. 36, n. 7, 2010, pp. 801-818.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *A conversa infinita II: a Experiência Limite*. São Paulo: Escuta, 2007.
- _____. *A conversa infinita I: a Palavra Plural*. São Paulo: Escuta, 2010.
- BOGUE, Ronald. *Deleuze and the Arts*. London: Routledge, 2003.
- BRÉHIER, É. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BROSSAT, Alain; CHEVALLIER, Philippe. Foucault: The Materiality of a Working Life, An Interview with Daniel Defert. *Foucault Studies*, n. 21, pp. 214-230, 2016.
- CAVA, Bruno; BELTRÁN, Sandra. *Podemos e Syriza*. São Paulo: Annablume, 2015.
- COCCO, Giuseppe. Introdução. Em: NEGRI, Antonio; LAZZARATO, Maurizio. *Trabalho imaterial*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, pp. 7-24.
- _____. *Korpobraz*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014
- COCCO, Giuseppe; CAVA, Bruno. *Enigma do Disforme*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.
- CHOMSKY, Noam; FOUCAULT, M. *Natureza humana: justiça vs. poder: o debate entre Chomsky e Foucault*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

CUSSET, François. De quoi passer l'hiver. In: GUATTARI, Félix. *Les Années D'Hiver*. Les Prairies Originaires. 1985.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEAMER, David. *Deleuze's Cinema Books: Tree Introductions to the Taxonomy of Images*. London: Edinburgh University Press, 2016.

DEFERT, Daniel. Cronologia. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos I: Problematização do sujeito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, pp. 1-64.

_____. *Le "dispositif de guerre"*. In: Lectures de Michel Foucault. Volume 1. Lyon: ENS Éditions, 2001, pp. 58-65

_____. The Emergence of a New Front: Prisons. Em: FARQUHARSON, A.; MACEY, D. (Ed.). *The Impossible Prison: A Foucault Reader*. London: Nottingham Contemporary, 2008, pp. 36-46.

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.

_____. *Pintura: el concepto de diagrama*. Buenos Aires, 2007b.

_____. *Kant y el tiempo*. Buenos Aires: Cactus, 2008.

_____. *Cine 1: Bergson y las imágenes*. Buenos Aires: Cactus, 2009.

_____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011a.

_____. *Cine 2: Los signos del movimiento y el tiempo*. Buenos Aires: Cactus, 2011b.

_____. *A dobra: Leibniz e o barroco*. São Paulo: Papyrus, 2012.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2013a.

_____. *El saber: curso sobre Foucault*. Buenos Aires: Cactus, 2013b.

_____. *Conversações (1972-1990)*. São Paulo: Editora 34, 2013c.

_____. *El poder: curso sobre Foucault II*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2014.

_____. *La subjetivación: curso sobre Foucault III*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015a.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015b.

_____. *Dois regimes de loucos*. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70, 2017.

_____. *Cinema 1 – A imagem-movimento*. São Paulo: Editora 34, 2018a.

_____. *Cinema 2 – A imagem-tempo*. São Paulo: Editora 34, 2018b.

_____. *Cine 3: Verdad y tiempo*. Buenos Aires: Cactus, 2018c.

_____. *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2018d.

DELEUZE; Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. 2012a.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 2. 2012b.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3. 2012c.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. 2012d.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 5. 2012e.

_____. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*, v. 2. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

_____. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru: EDUSC, p. 2003.

_____. *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010a.

_____. Os engajamentos políticos de Gilles Deleuze. *História: Questões & Debates*. Editora UFPR, Curitiba, n. 53, p. 151-170. 2010b.

_____. *La saga des intellectuels française*. Paris: Éditions Gallimard, 2018.

DUPUY, Jean-Pierre. *O tempo das catástrofes*. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

_____. *Michel Foucault y sus contemporáneos*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1995.

FERREIRA NETO, J. L. Pesquisa e metodologia em Michel Foucault. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. v. 31, nº 3, pp. 411-420, 2015.

FONTANA, Alessandro; BERTANI, Mauro. Situação do curso. Em: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 233-248, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1977.

_____. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999a.

_____. *Raymond Roussel*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b.

_____. *Ditos e escritos I: Problematização do sujeito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999d.

_____. *Ditos e escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *Ditos e escritos III: Estética*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

_____. *O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

_____. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. A pintura de Manet. In: *VISUALIDADES*, Goiânia, v.8, n.2, p. 259-285, 2010a.

_____. *Ditos e escritos VI: Repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010d.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2013a.

_____. O sujeito e o poder. Em: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b, pp. 273-295.

_____. *Isto não é um cachimbo*. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.

- _____. *Aulas sobre a vontade de saber*. São Paulo: Martins Fontes, 2014c.
- _____. *Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d.
- _____. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.
- _____. *A sociedade punitiva*. São Paulo: Martins Fontes, 2015b.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2016b.
- _____. *História da loucura: na Idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- _____. *O enigma da revolta*. Rio de Janeiro: n-1, 2018.
- _____. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- _____. *Teoria e instituições penais*. São Paulo: Martins Fontes, 2020a.
- _____. *História da sexualidade 4: As condições da carne*. São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- FROMANGER, Gérard. Entretien avec Laurent Greilsamer: Fromanger, Foucault & Guattari. *Multitudes*, v. 71, n. 2, 2018, pp. 25-30.
- GERBAUDO, Paolo. *The mask and the flag*. Longon: Oxford University Press, 2017.
- GHAMARI-TABRIZI, Behrooz. *Foucault in Iran*. London: University of Minnesota Press, 2016.
- GUATTARI, F. *A Guattari reader*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd. 1996.
- _____. *Les Années D'Hiver: 1980-1985*. Les Prairies Originaires. 1985.
- _____. *Soft Subversions: texts and interviews 1977-1985*. Los Angeles: Semiotext(e), 2009.
- _____. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- _____. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense s.a., 1987.
- _____. *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

_____. *As três ecologias*. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2009, 56p.

_____. *Guattari: confrontações*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

GUATTARI, Félix; NEGRI, Antonio. *As verdades nômade: por novos espaços de liberdade*. São Paulo: Autonomia Literária e Editora Politeia, 2017.

HARCOURT, Bernard. Situação do curso. Em: FOUCAULT, Michel. *A sociedade punitiva*. São Paulo: Martins Fontes, 2015, pp. 241-284.

HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble*. Durham: Duke University Press, 2016.

HARDT, Michael. Militant Life. *New Left Review*. v. 64, 2010, pp. 151-160.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

HEINER, Brady. Foucault and the Black Panthers. *City*, v. 11, n. 3, 2007, pp. 313-356.

HJELMSLEV, Louis. *Ensaio linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HUR, Dômenico. Guattari e a Ecosofia. *Psicologia Política*, v. 15, nº33, pp. 423-430, 2015.

_____. O dispositivo de grupo na Esquizoanálise: tetravalência e esquizodrama. *Vínculo* [online]. 2012, vol. 9, n. 1, pp. 18-26.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LAVAL, Christian. Foucault e a experiência utópica. Em: FOUCAULT, M. *O enigma da revolta*. Rio de Janeiro: n-1, 2018, pp. 103-142.

LECERCLE, Jean-Jacques. *Deleuze and Language*. London: Palgrave Macmillan 2002.

LEGOFF, Jacques. Foucault e a “nova história”. *Plural: Revista de ciências sociais da USP*, v. 10, pp. 197-210, 2003.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. O professor e o filósofo. *Revista Trágica*, v. 8, n. 2, 2015, pp. 01-15.

- MARCEY, David. *Michel Foucault*. London: Reaktion Books, 2004.
- MENDES, Alexandre. *Vertigens de Junho*. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.
- MIRANDA, Heraldo de Cristo. Foucault e o lugar do espectador em Velásquez e Manet. *Ensaios Filosóficos*, v. 15, pp. 117-126, 2017.
- MIYOSHI, Alexander. Diante do espelho: textos de Michel Foucault sobre arte representacional frente a produções artísticas dos anos 1960. *MODOS*. Revista de História da Arte. Campinas, v. 2, n. 1, pp. 50-69, 2018.
- MOLIN, Fábio Dal. Rizomas e fluxos molares e moleculares da máquina-escola: confissões de um cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, v.23, n.2, p. 303-311, 2011.
- MOORE, Jason. *Anthropocene or Capitalocene?*. Oakland: Kairos Books, 2016.
- MOSTAFA, Solange Puntel. A antivirada Linguística de Gilles Deleuze e sua importância para a Educação. *Revista Contrapontos*, v. 15, n. 1, Itajaí, Jan-Abr, 2015.
- MURICY, Katia. Os direitos da imagem – Michel Foucault e a pintura. *O que nos faz pensar*, v. 21, n. 31, p. 28-44, 2012.
- NABAIS, Catarina. A dobra Deleuze-Foucault. In: CASCAIS, António F.; LEME, José L. C.; NABAIS, Nuno (Org.). *Lei, Segurança e Disciplina*. Trinta anos depois de Vigiar e Punir de Michel Foucault. Lisboa: CFCUL, 2009, p. 71-110.
- NADAUD, Stéphane. Félix Guattari, el ecósofo. Em: GUATTARI, F. *Qué es la ecosofía?*. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2015, pp. 11-25.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso*. Campinas: Pontes, 2020.
- PASSETI, E. Heterotopia, anarquismo e pirataria. Em: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. *Figuras de Foucault* (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PLAMPER, Jan. Foucault's Gulag. In: *Kritika: explorations in Russian and Eurasian*, Volume 3, Number 2, spring 2002, pp. 255-280.
- PORTOCARRERO, V. Práticas sociais de divisão e a constituição do sujeito. Em: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. *Figuras de Foucault* (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PRADO, Tomás. *Foucault e a linguagem do espaço*. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- PRATES, Vinicius. *Um mapa da ideologia no antropoceno*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.
- RAGUSA, Pedro. *Michel Foucault e o estruturalismo*. Paraná: Appris Editora, 2020.
- REVEL, Judith. *Dicionário Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SANTOS, Marta Souza. *Imagens do pensamento: a pintura de Édouard Manet e Gérard Fromanger na obra de Michel Foucault*. 2011. 111f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). PUC-SP, 2011.

SAUVAGNARGUES, Anne. *Deleuze and Art*. London: Bloomsbury Academic, 2013.

SAWYER, Stephen. Foucault e o estado. Em: *Lugar Comum*. n. 58, 2020: pp. 296-325.

SENELLART, Michel. Situação dos cursos. Em: *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. pp. 495-538.

SIMONDON, Gilbert. *La individuación a la luz de las nociones de forma y de información*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

SILVA, Alexandre Rocha da; ARAUJO, André Corrêa da Silva de; MELLO, Jamer Guterres de; CONTER, Marcelo Bergamin. Deleuze e a Semiótica Crítica. *Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista*. 2013.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TIBOLA, Talita; ALVARENGA, G. *Guattari: agenciamento, território e transversalização*. Lugar Comum, n. 53, 90-106, 2021.

TRAVERSO, Enzo. *Melancolia de Esquerda: Marxismo, História e Memória*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

TRIKI, Rachida. As aventuras da imagem em Michel Foucault. Em: *L'image – Deleuze, Foucault, Lyotard*. Paris: Vrin, 1997.

VASCONCELLOS, Jorge. *Deleuze e o Cinema*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2006.